UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
LICENCIATURA INTERCULTURAL INDIGENA DO SUL DA MATA ATLÂNTICA

Vẽnhvĩ régre ki vẽnhkajrãnrãn ẽg Escola Estadual Indígena de Ensino Fundamental Davi Rỹgjo Fernandes: vẽjykre tỹ pedagógico han ja kar ũ tỹ mĩ kãmũ ja fag kar ag vẽme ta instituição tag tu

O Ensino Bilíngue na Escola Estadual Indígena de Ensino Fundamental Davi Rỹgjo Fernandes: concepções pedagógicas e trajetórias de formação docente ao longo da história da instituição

Benjamin Perokag Crespo

Florianópolis, janeiro de 2015

Benjamin Perokag Crespo

Vẽnhvĩ régre ki vẽnhkajrãnrãn ẽg Escola Estadual Indígena de Ensino Fundamental Davi Rỹgjo Fernandes: vẽjykre tỹ pedagógico han ja kar ũ tỹ mĩ kãmũ ja fag kar ag vẽme ta instituição tag tu

O Ensino Bilíngue na Escola Estadual Indígena de Ensino Fundamental Davi Rỹgjo Fernandes: concepções pedagógicas e trajetórias de formação docente ao longo da história da instituição

Trabalho de Conclusão de Curso, submetido à Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica, da Universidade Federal de Santa Catarina para a obtenção do Grau de Licenciado, com ênfase em Gestão Ambiental.

Orientadora: Profª. Ms. Suzana Cavalheiro de Jesus

Florianópolis

2015

Benjamin Perokag Crespo

Vẽnhvĩ régre ki vẽnhkajrãnrãn ẽg Escola Estadual Indígena de Ensino Fundamental Davi Rỹgjo Fernandes: vẽjykre tỹ pedagógico han ja kar ũ tỹ mĩ kãmũ ja fag kar ag vẽme ta instituição tag tu

O Ensino Bilíngue na Escola Estadual Indígena de Ensino Fundamental Davi Rỹgjo Fernandes: concepções pedagógicas e trajetórias de formação docente ao longo da história da instituição

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do grau de Licenciado e aprovado em sua forma final pelo pela Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica

Florianópolis, 27 de janeiro de 2015.

_____

Prof. Lucas Bueno, Dr.
Coordenador do Curso

Banca Examinadora:

_____

Prof.ª Suzana Cavalheiro de Jesus, Ms.
Orientadora
Universidade Federal de Santa Catarina

_____

Profº. Carlos Maroto Guerola, Ms.
Universidade Federal de Santa Catarina

_____

Prof.ª Maria Dorothea Post Darella, Dr.ª
Universidade Federal de Santa Catarina

	UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA **CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS** **COLEGIADO DO CURSO DE LICENCIATURA INTERCULTURAL INDÍGENA DO SUL DA MATA ATLÂNTICA**

ATA DE DEFESA DE TCC

Aos ...27... dias do mês de ...janeiro... do ano de dois mil e quinze, às ...14... horas , na Sala Auditório do Centro de Filosofia e Ciências Humanas – Universidade Federal de Santa Catarina, reuniu-se a Banca Examinadora composta pela professora Orientadora Suzana Cavalheiro de Jesus, e Presidente, Professor Carlos Maroto Guerola, Titular da Banca, e Professora, Maria Dorothea Post Darella, Suplente, designados pela Portaria nº 58/HST/14 do Senhor Chefe do Departamento de História, a fim de arguirem o Trabalho de Conclusão de Curso do acadêmico Benjamin Perokag Crespo, subordinado ao título: "As práticas de ensino Bilíngue na Escola Estadual Indígena de Ensino Fundamental Davi Rygjo Fernandes". Aberta a Sessão pela Senhora Presidente, o acadêmico expôs o seu trabalho. Terminada a exposição dentro do tempo regulamentar, o mesmo foi arguido pelos membros da Banca Examinadora e, em seguida, prestou os esclarecimentos necessários. Após, foram atribuídas notas, tendo o candidato recebido da Professora Suzana Cavalheiro de Jesus, a nota final 10,0, do Professor Carlos Maroto Guerola, a nota final 10,0, e da Professora Maria Dorothea Post Darella, a nota final 10,0.; sendo aprovado com a nota final 10,0 O acadêmico deverá entregar o Trabalho de Conclusão de Curso em sua forma definitiva, em versão digital ao Departamento de História até o dia 01 de março de 2015. Nada mais havendo a tratar, a presente ata será assinada pelos membros da Banca Examinadora e pelo Candidato.

Florianópolis, ...27... de ...janeiro... de 2015.

Banca Examinadora:

Prof. ...Suzana Cavalheiro de Jesus...

Prof. ...Carlos Maroto Guerola...

Prof. ...Dorothea Post...

Candidato ...Benjamin Perokag Crespo...

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
Curso Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica
Campus Universitário Trindade
CEP 88.040-900 Florianópolis Santa Catarina
FONE (048) 3721-9249 - FAX: (048) 3721-9359

Atesto que o acadêmico(a) Benjamin Perokag Crespo, matricula n.° 11100024, entregou a versão final de seu TCC cujo título é "*Vẽnhvĩ régre ki vẽnhkajrãnrãn ẽg Escola Estadual Indígena de Ensino Fundamental Davi Rỹgjo Fernandes: vẽjykre tỹ pedagógico han ja kar ũ tỹ mĩ kãmũ ja fag kar ag vẽme ta instituição tag tu*"- O Ensino Bilíngue na Escola Estadual Indígena de Ensino Fundamental Davi Rỹgjo Fernandes: concepções pedagógicas e trajetórias de formação docente ao longo da história da instituição", com as devidas correções sugeridas pela banca de defesa.

Florianópolis, 15 de março de 2015.

Suzana Barcalheiro de Jesus

Orientador(a)

Sumário

Lista de Figuras 7
Agradecimentos 8
Introdução 9
Capítulo I – Percursos Históricos do Ensino Bilíngue entre os Kaingang no Setor da Missão Indígena 11
Capítulo II – Práticas de ensino bilíngue: trajetórias de formação e concepções em torno do trabalho docente 19
2.1. Concepções de ensino bilíngue dos professores da FUNAI 20
2.1.1. Professor Antonio Kójónh Candido 20
2.1.2. Profª Juraci Vẽnhgrá Emilio 25
2.2. Concepções de ensino bilíngue atuais 31
Conclusão 34
Referências 36

Lista de Figuras

Figura 1 - Mapa da Terra Indígena Guarita 11
Figura 2 - Aldeia Missão Indígena - Google earth, 2014. 12
Figura 3 - Inauguração da missão indígena, 03 de março 1965 – Foto do Arquivo Histórico da IECLB. 13
Figura 4 - Início letivo da Escola Evangélica Indígena, em 03/03/1961 – Foto do Arquivo Histórico da IECLB. 14
Figura 5 - Jovens kaingang no CTPCM – Foto do Arquivo Histórico da IECLB 15
Figura 6 - Primeira turma do Centro de Treinamento Profissional Clara Camarão SIL– Summer Institut of Linguistic, em 1970 - Foto do Arquivo Histórico da IECLB. 16
Figuras 7 - Imagens da E. E. I. de Ens. Fund. Davi Rỹgjo Fernandes (2010) - acervo da Diretora Profª Marines de Moura Rosa 19

Agradecimentos

Primeiramente quero agradecer à Universidade Federal de Santa Catarina e à nossa primeira coordenadora, professora Ana Lucia Notzold, por abrir esse caminho de um Curso Superior aqui em Florianopolis, Santa Catarina. Agradeço a todos os professores que me deram forças nas disciplinas. E quero agradecer também à minha família pricipalmente minha esposa, pois foi a pessoa que me inventivou muito a terminar essa faculdade.

Em segundo lugar agradeço também o meu TOPÊ (Deus) por ter cuidado de mim durante esses quatro anos longe dos meus filhos. Agradeço à motivação que a minha comunidade me deu, pois este é um sonho que a comunidade queria ver realizado: alguém que começasse e terminasse uma faculdade. Fazia um bom tempo que uma pessoa não terminava uma faculdade.

Agradeço também à minha professora e orientadora Suzana Cavalheiro de Jesus que teve toda essa paciência comigo e pelo esforço que fez para poder me orientar na organização desse trabalho. Este é um documento que precisa ser registrado para que a comunidade possa ter conhecimento dessa história, das tragetórias dos professores e de suas formações dentro do bilinguismo.

Introdução

Meu nome é Benjamin Perokag Crespo, moro na Comunidade da Missão Indígena, na Terra Indígena da Guarita, pertencendo ao Estado do Rio Grande do Sul. Sou professor desde o ano dois mil (2000) e ajudo meus colegas a ensinar as crianças no ensino bilíngue. Gosto da minha profissão e buscamos todos juntos uma educação melhor para as futuras gerações.

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) na Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), foi dedicado a ouvir falas acerca da tragetória de dois professores, que vivenciaram como estudantes e depois como monitores, os primeiros projetos de ensino bilíngüe na E. E. I. de Ens. Fund. Davi Rỹgjo Fernandes. A trajetória de ambos, somadas às descrições da forma como o ensino bilíngue é desenvolvido atualmente, nos fornece um panorama acerca de concepções pedagógicas e processos formativos que perpassam a história dessa instituição.

O bilinguismo é um assunto que todos os professores discutem em seus planejamentos, produzidos na perspectiva da interdisciplinaridade, procurando contemplar em suas práticas o ensino e a instrução em língua kaingang e também em língua portuguesa. Ao fazermos isso, estamos também trabalhando a realidade de um povo, provitalizando a cultura e introduzindo a língua portuguesa que é necessária no cotidiano social, como na realização de alguma atividade na esfera no comércio, onde é preciso fazer a transição da língua kaingang para português. Consideramos também que esta é uma conquista na qual a escola vem demonstrando um trabalho diferenciado, junto com os professores, pais e comunidade escolar, mantendo a valorização da sua cultura e contando com o apoio das lideranças. Com isso conseguimos a união da comunidade na valorização da educação e da cultura, contribuindo para que as crianças tenham um bom desempenho em seus processos de socialização.

Assim, este trabalho representa um desafio que estou desenvolvendo para minha comunidade na valorização e manutenção de uma educação diferenciada na escola em que atuo, além de servir como experiência para outras escolas da comunidade da TI Guarita. O objetivo da pesquisa foi compreender os modos como o ensino bilíngue vem sendo desenvolvido na Escola Estadual Indígena do Ensino Fundamental Davi Rỹgjo Fernandes, ao longo de sua história. Para tanto, descrevo a trajetória de dois professores bilíngues mais

antigos da instituição, o Profº Antonio Kójónh Candido e a Profª Juraci Vẽnhgrá Emilio, relatando suas experiências formativas e de atuação como monitores bilíngues. Do mesmo modo, busco refletir sobre semelhanças e diferenças entre suas trajetórias e as práticas de ensino bilíngue que procuramos desenvolver hoje na escola.

A pesquisa foi desenvolvida por meio de entrevistas, pesquisa bibliográfica e análise do Projeto Político Pedagógico da escola. Com base nesses dados, esse Trabalho de Conclusão de Curso foi estruturado em dois capítulos. No capítulo I, descrevo aspectos históricos acerca da constituição da educação escolar e do ensino bilíngue na aldeia da Missão Indígena, fornecendo um panorama desta trajetória. No capítulo II, apresento as falas dos professores mais antigos da Escola Estadual Indígena do Ensino Fundamental Davi Rỹgjo Fernandes, sobre suas trajetórias formativas e as concepções de ensino bilíngue, procurando refletir sobre semelhanças e diferenças nos modos como trabalhamos com o ensino bilíngue atualmente. Com vistas a privilegiar a dimensão bilíngue da pesquisa, as falas dos docentes foram transcritas em Kaingang, sendo posteriormente analisadas em língua portuguesa.

Capítulo I – Percursos Históricos do Ensino Bilíngue entre os Kaingang no Setor da Missão Indígena

A T.I da Guarita está localizada no noroeste do estado do Rio Grande do Sul e tem aproximadamente 23.406 de hectares, abrangendo o município de Tenente Portela, Redentora e Erval Seco com aproximadamente 7.000 indígenas. Desse total, a maioria é indígenas Kaingang, havendo também duas aldeias Guarani. A T.I Guarita está dividida em 16 setores/linhas/aldeias. Vejamos a mapa da Terra Indígena da Guarita.

Figura 1 - Mapa da Terra Indígena Guarita

O município de Redentora tem uma distancia de 460 km de Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul e atualmente atende 12 setores indígenas[1]. A Missão Indígena é um deles, composta por aproximadamente 4.400 hectares e uma população de 770 indivíduos. Esta comunidade é uma das maiores em extensão territorial, onde todos são indígenas falantes da língua kaingang.

[1]- São as aldeias pertencentes ao Municipio de Redentora: Capueira dos Amaros, Katiu Gria, Missão Indigena, Laranjeira, Estiva, Linha São Paulo, Irapua, Mato Queimado, Linha Moreira, Bananeira, Limha Mó, Paus Escrito.

Figura 2 - Aldeia Missão Indígena - Google earth, 2014.

Por volta de 1920 a 1930, quando não havia escola no setor da Missão Indígena, as crianças tinham que deslocar-se ao setor de São João de Irapuá para estudarem, enquanto outros estudavam também na Escola Rural hoje chamada Escola Estadual de Ensino Fundamental Américo dos Santos, situada na Vila São João, próxima do setor. Na década de 1950, o pastor Norberto Schwantes, Missionário que se preocpava com as pessoas, sentiu necessidade em ajudar a comunidade. Ele morava no Município de Tenente Portela, próximo à Terra Indígena da Guarita e trabalhava junto com a IECLB (Igreja Evangélica de Confissão Luterana do Brasil), organizava a educação indígena no setor de Missão, em conjunto com órgão responsável pelos índios, que era o SPI (Serviço de Proteção aos Índios). Ele e o grupo Alemão se preocuparam com a questão indígena. Com o andar do tempo, em 1960, quando esteve visitando essa aldeia, não acreditou no que viu com seus olhos, causando-lhe certa perplexidade. Afirmou ele: "fiquei surpreso" – ao ver que em toda a reserva não havia uma única escola para os índios. Foi assim que pensou em fazer uma escola, vendo os esforços que os alunos estavam tendo em seus estudos e como era longe o caminho que percorriam para estudar. Conversou com a diretoria da sua paróquia – como estavam atendendo as crianças não indigenas também poderiam atender as crianças de comunidades indígenas – foi quando esse grupo aceitou e cedeu um professor comunitário para lecionar com as crianças indígenas. Esta escola foi feita pelo pastor Norberto Schwantes, conjuntamente com SPI, em 1963, sendo

aprovada a construção da primeira escola aqui na Missão Indígena, que passou a chamar-se Escola Primária – nome dado pelos Alemães (o pastor Norberto Schwantes era alemão) e pelo SPI. Foi também pensado sobre as disciplinas que pudessem ser ensinadas aos alunos dessa comunidade, os quais foram contemplados com matemática, português, técnicas agrícolas, estudos sociais, ciências e ensino religião. Essa era uma das formas que poderiam ensinar os alunos mesmo que todos fossem falantes da língua materna kaingang[2]. Dois anos depois fizeram a inauguração do setor Missão Indígena onde estavam pronta a escola, o posto de saúde e a casa da agricultura.

Figura 3 - Inauguração da missão indígena, 03 de março 1965 – Foto do Arquivo Histórico da IECLB.

Até 1971, esse ensino estava sendo praticado somente na língua portuguesa, pois nessa época ainda não havia professores bilíngues formados. O pastor Norbeto Shuantz já contava com a ajuda da linguísta Drª Ursula Wiesemann, com quem se encontrou várias vezes em suas viagens. Ursula Wiesemann preocupava-se com o ensino bilíngue desde 1956 e é considerada como fundamental para o planejamento e a instalação da Escola Normal Clara Camarão. Segundo Luckmann (2011):

> Com o apoio lingüístico de Wiesemann, o trabalho em Guarita se firmou de vez. Tanto assim que no ano seguinte, em 1967, vários dos objetivos da nova fase do trabalho começam a se concretizar. […]Tinha apoio da comunidade indígena, conseguira se firmar como uma proposta séria na Igreja e perante outros parceiros na Europa, possuía no final de 1966 uma boa infraestrutura, contava já com bons colaboradores, avançava no que se refere à língua e à tradução do Novo Testamento, com a vinda de Ursula Wiesemann, preparando o momento para dar início ao

[2]Uma das saídas que poderiam iniciar o seu trabalho com as crianças kaingang.

> treinamento de professores bilíngues que deveriam, mais tarde, assumir as escolas das suas comunidades e se tornar lideranças importantes de seu povo (LUCKMANN, 2011, p. 84)

A comunidade da Missão Indígena da Guarita mostra-se agradecida pelo trabalho da Drª Ursula Wiesemann e pelo seu estudo e a sua dedicação, que possibilitaram criar outra escola aqui no Setor de Missão Indigena viabilizada em 1967, ficando conhecida como Escola Normal Indigena. Seu objetivo foi formar os jovens índios para alfabetizar e instruir na língua materna kaingang as crianças e adultos do seu povo. Cabe destacar que em 1961 já tinha feito outra escola no setor próximo ao município de Tenente Portela.

Figura 4 - Início letivo da Escola Evangélica Indígena, em 03/03/1961 – Foto do Arquivo Histórico da IECLB.

De acordo com Luckmann (2011), para o P. Norberto Schwantes, a implantação da Escola Normal significou a definição da sua dedicação ao projeto da Missão Indígena e às atividades na Paróquia Evangélica de Tenente Portela, entre outros projetos por ele desenvolvidos nessa cidade. Citando as percepções do sacerdote:

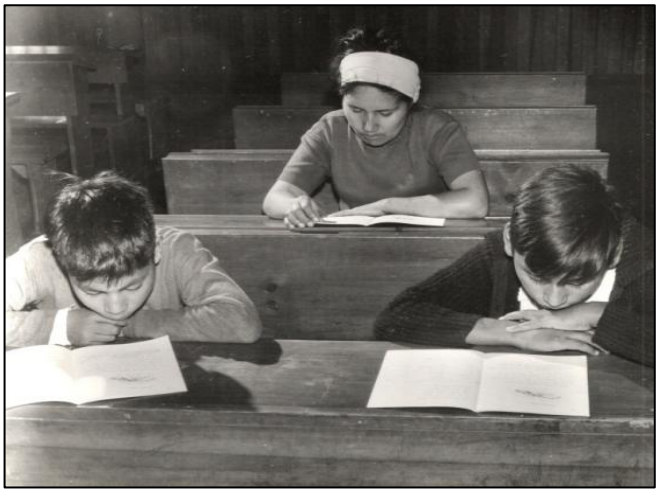
> Quando o projeto da Escola Normal começou a tomar forma, ficou claro para mim que ele iria requerer dedicação integral e que eu teria de optar entre minhas funções na Paróquia e a Missão. A Missão me fascinava. Eu via que através da Escola Normal Indígena – única no País – seria possível um trabalho de resgate da identidade cultural dos índios, e sua integração com a sociedade civil circunvizinha. Eu estava muito inclinado a escolher a Missão como meu campo de trabalho (LUCKMANN, 2011, p 84).

Segundo Luckamann (2011), o P. Norberto Schwantes não definiu a Missão Indígena como campo de sua atuação, mas reconheceu e enalteceu o fato de que a implantação ou estruturação da Escola Normal se devesse à participação de Ursula Wiesemann.

> A Escola Normal só foi mesmo estruturada com a vinda, em 1968, da professora Ursula Wiesemann, do Sommer Instituto of Linguistic [sic], que eu conheci na Alemanha em 1966. […] Cabe à Úrsula o mérito de ter estruturado e dirigido a Escola Normal Bilíngüe Clara Camarão. Esta escola não ficou limitada apenas a teorias e gramáticas. Com o fim da caça, provocado pela crescente e criminosa devastação da reserva as práticas agrícolas passaram a ser de fundamental importância para a sobrevivência da comunidade indígena (LUCKMANN, 2011, p.84 - 85.)

Apesar da vinda de Ursula Wiesemann em 1968, com o apoio de docentes vinculados à IECLB, à escola, então denominada como Escola Normal Bilíngue Clara Camarão, demorou ainda dois anos para as atividades iniciarem. A instalação da escola se tornou um marco pioneiro por se constituir o primeiro curso nesta perspectiva. Também tem a sua relevância em virtude do impacto junto às muitas comunidades que enviaram jovens para a formação, bem como àquelas comunidades onde foram atuar.

Figura 5 - Jovens kaingang no CTPCM – Foto do Arquivo Histórico da IECLB



Dessa forma, foi em 1970 que abriu-se outra uma turma de monitores bilíngües nessa Escola Normal Bilíngüe Clara Camarão com o apoio do SPI, Alemães e IECLB. Logo após mudou-se o nome vonamente da escola para Escola de Aplicação Marechal Candido Rondon, onde esses monitores começaram trabalhar com as crianças indígenas, nesse setor de Missão Indígena. Foi quando todas as crianças tiveram oportunidade de serem alfabetizadas em língua materna, sendo que o currículo da escola foi ampliado em função da inserção do

bilingüismo. Para a comunidade foi muito importante ver a primeira turma se formando nesse setor. Incentivaram muito os próximos alunos, que começaram estudar. Era uma nova realidade que estava começando.

A Escola de Aplicação Marechal Candido Rondon, mantinha o atendimento de alunos até a 7ª série. Destes alunos, alguns continuaram estudando na Escola Normal Clara Camarão. Em 1975 alguns monitores dessa turma passaram a atuar na escola de Aplicação Marechal Candido Rondon, que funcionava na Missão. Já a partir de 1976, os que estavam na coordenação desse processo foram pensando em mudar a escola para outro setor onde mais pessoas pudessem ser contempladas. Por conta disso, a Escola Normal Indígena Clara Camarão foi transferida para o Setor da Guarita, no Município Tenente Portela, recebendo um novo nome: Centro de Treinamento Profissional Clara Camarão. Isso levou muito tempo, mas quando tudo deu certo, se formou a 3ª turma de monitores bilíngües e também uma turma de Técnicos Agrícolas.

Figura 6 - Primeira turma do Centro de Treinamento Profissional Clara Camarão SIL–Summer Institut of Linguistic, em 1970 - Foto do Arquivo Histórico da IECLB.

Em meados de 1985, os alemães foram impedidos de trabalhar com os povos indígenas da Guarita por motivos banais[3]. A partir de então tiveram que retirar-se da Reserva Indígena, o que ocasionou o fechamento do Centro de Treinamento Profissional Clara Camarão. Isso aconteceu no tempo do cacique Ivo Ribeiro, quando as lideranças indígenas declararam à equipe da Missão Guarita: “Vocês estão presos e os bens embargados”. Segundo Sandro Luckmann (2011) o Senhor Natalino Góg Crespo também estudou nessa escola, sendo uma pessoa fundamental que defende o ensino bilíngue entre os Kaingang.

[3] Pastor Norberto Schwantes, e sua equipe, Missão Guarita foi de roubo na troca de artesanato... Brique da Missão.

Segundo Luckmann (2011) a situação era tensa, uma vez que os membros da equipe residiam na Missão Indígena com seus familiares. Numa tentativa de diálogo, o P. Schwantes dirigiu-se ao capitão Raul da Rosa, que afirmou:"A Missão já me deu o que tinha para dar" propondo que era momento da Missão se retirar dali. Em seguida as lideranças tiveram uma reunião com a FUNAI, a equipe da Missão Guarita e representante da IECLB, decidindo pela retirada imediata da Missão Guarita, sendo informado que a FUNAI assumiria a responsabilidade das atividades e administração das instalações e equipamentos desse setor. A IECLB e Summer Institute of Linguistics (SIL), ao qual estava vinculada a professora Ursula Wiesemann manifestaram desconformidade com a atitude da FUNAI no episódio da retirada mesma.. Quando da retirada da equipe da IECLB, a Escola de 1º Grau Incompleto Marechal Candido Rondon já estava sendo atendida por três professoras não índigenas e dois monitores bilíngues kaingang, passando provisoriamente à gestão da FUNAI. Já em 1986, iniciaram-se alguns diálogos junto à 21ª Delegacia de Ensino (Três Passos/RS) para a transição de escola particular para escola pública estadual, sendo que tal projeto levou cerca de três anos para ser efetivado. Enquanto isso, a Escola Marechal Candido Rondon era atendida pelos professores da FUNAI, alguns professores contratados pelo município de Redentora e uma professora cedida pelo estado do RS. A partir de 1991, foi então construída uma escola de alvenaria em substituição à escola de madeira que existia, lugar que passou a atender alunos somente até a antiga 4ª série e deu uma ampliação do nome que ficou assim: Escola Indígena de 1º Grau Incompleto Marechal Candido Rondon. (PPP,2000)

A comunidade não ficou muito satisfeita com a notícia de que o Estado iria assumir a gestão da escola, dado que essa função era do município de Redentora. A ansiedade era grande, sendo também acrescida do descontentamento para com o nome da instituição, pois a comunidade entendia que o nome Marechal Candido Rondon,não tinha nada a ver com os antepassados do povo indígena. Sendo assim, depois de muitas pesquisas na comunidade e após discussões em reuniões, com todos os segmentos, decidiu-se por colocar o seguinte nome na escola: ***Escola Indigena de Ensino Fundamental Incompleto Davi Rỹgjo[4] Fernandes***.

A comunidade acredita que após a legalização das escolas indígenas, os índios passarão a viver uma nova história. Toda comunidade escolar está contente com o novo nome escolhido, pois este tem a ver com a história dos antepassados desta comunidade. **Davi Rỹgjo**

[4] Nome indigena do senhor Davi

Fernandes foi dos conselheiros da comunidade local. Ele e a sua esposa, **Joaninha Rẽgso**, aconselhavam as famílias sobre o casamento, costumes e tradições da comunidade indígena. Davi Rỹgjo também atendia indígenas de outros setores e era um índio muito respeitado por todos. A comunidade indígena do setor Missão Indigena espera com muita ansiedade a legalização de sua escola pelo Estado, acreditando que seja reconhecida de acordo com o novo nome escolhido pela comunidade. Após a legalização, nossa escola passará a chamar-se ***Escola Estadual Indígena de Ensino Fundamental Davi Rỹgjo Fernandes***. (PPP, 13 de julho, 2000, p. 34). No entanto, foi feito uma pesquisa junto com corpo docente escolar[5] para descobrirem[6] se essa família são realmente primeiros moradores desta aldeia. Por isso, em 2002 quando o estado regularizou a reconheceu escola indígena, já permaneceu este novo nome. Esse trabalho foi fundamental onde apareceu a união do corpo docente escolar junto com a comunidade, e também mostrou que a escola merece ser do estado e não mais sob responsabilidade da FUNAI[7]. Abaixo uma sistematização de datas e eventos que marcaram a história da instituição:

- Pastor Norberto Schwantes e IECLB – 1963 a 1967: Escola Primária
- Drª Ursula Goj téj Wisemann, Norbeto Schwantes, IECLB – 1967 : Administração da Escola Normal Bilíngue Clara Camarão
- Drª Ursula Goj téj Wisemann, Norbeto Schwantes, IECLB – 1970: Adminstração da Escola de Aplicação Marechal Candido Rondon
- Drª Ursula Goj téj Wisemann, Norbeto Schwantes, IECLB e SIL – 1979: Administração da Escola CTPCC.

[5] Diretora, vice-diretora, COM, Conselho Escolar, Professores e Funcionários.
[6] Davi Rỹgjo Fernandes e sua esposa são realmente 1º moradores deste setor por isso atualmente a escola se chama Escola Estadual Indígena de Ensino Fundamental Davi Rỹgjo Fernandes.
[7] Em 2002 a escola passou para estado e a FUNAI já não tinha mais direito de comandar uma escola.

Capítulo II – Práticas de ensino bilíngue: trajetórias de formação e concepções em torno do trabalho docente

Atualmente a E. E. I. de Ens. Fund. Davi Rỹgjo Fernandes[8], no setor de Missão Indígena da Terra Indígena da Guarita, abriga duzentos e setenta (270) alunos, de 1º ano até 9º ano do Ensino Funadamental, incluindo a EJA (Educação de Jovens e Adultos). A escola conta com oito professores indígenas, duas professoras da FUNAI e seis funcionários indígenas.

Figuras 7 - Imagens da E. E. I. de Ens. Fund. Davi Rỹgjo Fernandes (2010) - acervo da Diretora Profª Marines de Moura Rosa

...

O PPP (Projeto Político Pedagógico) fala que a escola deve trabalhar com a realidade kaingang, o professor deve ser pesquisador e ouvinte na comunidade e ser conhecedor da vida da criança. Esta decisão relaciona-se com o direito assegurado na Constituição Federal de 1988, em seu artigo 231, o qual diz que "São reconhecidos aos índios sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam". Do mesmo modo, ao tratar da "educação, cultura e desporto" a Constituição assegura o ensino bilíngue, defendido mais tarde também pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB 9394/1996), que reconhece o direito das populações indígenas à educação específica, bilíngue e intercultural. Contudo, o não cumprimento do que se diz nestes documentos tem preocupado a comunidade escolar, porque é importante

[8] Decreto nº 41.399, D.O de 13/02/2002. Parecer de Autorização de Funcionamento nº 576/2003.

valorizarmos a nossa língua “mãe”, mesmo quando as crianças fazem a transição da língua Kaingang para portuguesa. Neste caso, é reconhecido pelos Referenciais Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Indígena, o RCNEI, a língua portuguesa como segunda língua, sendo o ensino bilíngue um instrumento na defesa dos direitos indígenas e um recurso para que a língua indígena seja reconhecida e respeitada.

Partindo desses pressupostos, com o intuito de refletir sobre os modos como as práticas de ensino bilíngue foram sendo desenvolvidas na escola, ao longo de sua história, entrevistei dois professores kaingang que atuaram como professores bilíngues da Fundação Nacional do Índio (FUNAI): o Profº Antonio Kójónh Candido e a Profª Juraci Vẽnhgrá Emilio. Ambos falaram sobre suas trajetórias escolares e de formação docente, explicando como se relacionaram com o bilinguismo e como buscavam desenvolver seu trabalho na instituição.

2.1. Concepções de ensino bilíngue dos professores da FUNAI

2.1.1. Professor Antonio Kójónh Candido

> *“Inh pi inh idade (prỹg) kinhra tavĩ nĩgnĩjé tempo (kurã) hãn kã ham, ka sa inh jyjy hãvỹ jou Antonio ke mũ fag ta inh jyjyn ti ham inh mỹj fag Candido, hãra ser ỹ colégio tag tỹ abri ké ham mã Marechal Candido Rondon kỹ sa ki estuda ke tĩ hãra fag tỹ inh registro tũ ka ser inh pi registro há ja nĩgtĩ ka fag ta inh registro han fag tóg inh hã tá ũtỹ diretora fi, ỹ ka sa vãsó ki sa han sa jãvo ta kanhgág tỹ vã jyjy pẽ tĩgtĩ jou, uri ẽg nĩ ón ka vã jyjy ũ ta kri fig tĩ , jo fag tỹ tempo hãn kã fag tĩ kamẽ kajru krẽ jyjy ta kri fig tĩ hãra sa vãsó ki han ser hã vỹ kójónh ke mũ ser Candido ti ser kar vỹ sa kinhra ti Goj Téj fi vỹ kã tĩg ka ta baile ki fi apresenta (vem)ké Alemanha ta ke fi vã ke ag ta tĩ ka ag nỹ tu jykrén jãvo inh pi kinhra tỹvĩ ja nĩ hãra kejẽn Alemao ag vỹ kã ge ser ham acampa ke ag tóg ser Missão ki kỹsa kã ag tóg, kã sa kãnẽg jãg tĩ ge 08 ou 12anos por ai ka sa ki estuda ké ser hãra ta kejẽn inh mỹ hãra ta ser Dotoura Ursula tag fi kãrãj je tu ja vãgtĩ ag ta colégio abri kejki mũ kã mỹr Alemoa ag vỹ, jou fi vỹ ta Alemanha ta ke ja fi vã gé ham, ka ag ta ser há já tigtĩ hãra vỹ ta féria mĩ ke já vãg tĩ tigtĩ hãra ag ta Juraci tag fi panh tag ta ha nỹ hỹn ta nĩja nĩgti inh mỹj fag mỹ ti mỹ tag ta*

rãnhrãj tĩg ge tũ nĩ mũ ỹ posto tá ke vã já vãg tĩ ãn kã ỹg equipe ki rãnhraj tĩ ka ẽg ser (eu) ta estuda ke mỹ gé hã ta as estuda ké ser, hãra ag kejẽn trigo krãn kar ỹg ser ka ja ser ag ta ag ha jag ĩn ra mũjãg ke jé ser hãra ag hỹnỹ ser ano ta ne kãke nẽ hã ser kejĩn ag mỹ ha jag trigo kaja vejkã mũ jãg kỹja ser jẽnkamu hãn recebe ké ser ka ja ser vãsó ki kur génh hãra Missão vỹ kã nĩg tãg nĩ centro ki cruz mág ta jan tĩ ham, ka ãn tĩgtĩ hãra sa radio ma tĩgtĩ kã colégio tag tỹ kãnỹ ja nĩgtĩ Marechal Candido Rondon hãra fi ta kã nĩja nĩgnĩ Goj Téj fi, Missão ka fi vỹ inh japrãr ka inh ã mỹ ag mré estuda kej mũ han ka ag ta mĩ mũ ja nĩ ser jou kuvar há tá ke ag ka as fi mỹ ké estuda kejamũ ka fi ta inh mỹ ka ta kure ã kur gé tig gé kã nĩ ka sa ag mré estuda ké ka ag mĩ mũg tĩ hãra tỹ ãn tá Parana ta kãmũ jãg jou Santa Catarina kanhgág ag vỹ Parana tá kanhgá ag vỹ hãra ag pi ẽg vĩ rike nỹtĩg tĩ gé ãn ki ag tỹ ta Santa Catarina ki ke ũ ag tỹ ta Xavante ag vãg tĩ gé ũ ti vỹ ti vê fi mré ra kã tĩ tĩ ou ti irmã fi mỹ vỹ, ver fi vỹ mĩ kãtĩg ja nĩ tẽg ta tĩ hãra inh pi fi ve ja nĩ Zilda ke ta tĩ fi jyjy ti xavante fi vẽ tẽg ta tĩ pi 1 ano ke mũ ver ka tỹ fag mré estuda ke tĩgtĩ, hãra ta kejẽn ser...kỹ pi há ki ẽg professor ki pa ka mũ ham é um sofrimento nosso ỹg almoço vỹ ta polenta e leite kejẽn Dotoura Ursula tag fi vỹ var ser ham mã Curitiba ra, hãra fi ta vé eg formatura tag tu vãsãn vãg tĩ ham fi mré ãg ser fi ta ũ ta fi mré kãjãn tĩ fi vice fi, hãra kejẽn fi vice fi ta ẽg reuni ke ka fi pi ne vejanĩ ver keka ẽg mré fỹ tĩ, ẽg mré fỹ fi ta tĩ mỹr fi ta kinhra ninỹ jãvou ẽg pi kinhra natĩgtĩ jou estuda ke nỹ vẽ sofre ke kãn tavin ẽg tóg ham formatura mré , ẽg nón kãmũ tag vỹ churrasco hyn han tĩ jou ham jãvo ẽg pi churrasco mré tó tĩ kar ag tỹ ẽg pi kãnhmar emprego vég mũ kagá ag tóg ver tãmĩ kagá kãn tóg ver tãmĩ, tag ki ta pa vé hamã esperar a contratação hãra kejẽn ser Goj Téj fi ta kãtĩg gé ka ta kagá ja nĩ ser jou jãvo fi ta kã nĩja nĩ jou ficou mais tempo aqui fi jou mỹr diretora fi vẽ jou kasa fi rã tĩgtĩ ãn tá fi ĩn ta kãjãg tĩ gé kasa fi ve tigtĩ hãra inh kaprã tũg mũ tag ti finado pépo tỹ fi mré bíblia han tĩg tĩ ser ẽg vĩ ki kasa fi mré corriji ke tĩ gé fi ta kure inh mré corrigi ke nhĩg ke kasa...fi hãnỹ kanhgág vĩ tag ki ẽg kajrãnrãn mũ hamã (eu) ka jag ta aula kemũ tag kã jag mỹ ẽg tavĩn ki aula ke mũg tĩ va kanhgág mré fóg vĩ ki ser ẽg ta estuda ke tĩ ẽg mỹ fi ta aula nĩm tĩ gé jou (eu) hãra ã ta ser fi mré bíblia tag correção han ti ser jou kera ãn kinhrãn sóg ser kasa corregir ke

tĩg tĩ fi ta bibila han jé ver jou mỹr ẽg vĩ pi Parana ag vĩ rike nỹtĩ kỹ ẽg tỹ ẽn corregir ke tĩ hãra fi nĩ kejẽn ãg mỹ ver inh mỹ contratação ta kãtĩg mũ ke mũ ka ãjag tỹ tĩ tĩ kej mũ posto kar mĩ ãg pipin fi tóg hãra sa careteiro ra var hãra sa jou tá problema végtũ nĩ jou bilíngüe jãvo inh colega ag veja nĩgtĩ jou problema ti kanhgá vĩ ki estuda ke tũg tag ti, hãra tóg kejẽn kinhrãg rãg ser mais um ano ki ta kinhrãg rãg ji tóg hamã estuda ke sór tóg hamã carreteiro ke mũ tag tá Andila, tag fag nỹtĩg ja tá vỹ Odila ka inh pi tá problema ũ vég mũ, jou ta problema vig veja nĩgtĩ kanhgág vĩ ki estuda ke tũg tĩ ki vẽnhrán tũg ti ham ka ãg tỹ ãn kã ỹg ta começa keja vã ka contratação tag pi kãnhmar kãtare mũ, hãra ag ne kejẽn chefre nĩ contratação ta kãtarej mỹ ke mũ ham jo ẽg tóg mês de julho kã pakãn inh rãnhrãj tu ra inh sig já tũ ra sa vár ham as ki kag tĩg ra ka ag ta ser aula nĩm tĩ português matemática nĩm ẽg ta tĩ ser aula de kaingang mré ser kỹ ta hãra ẽg nĩ contratação tag vég mũ ser 1972 kã 1º de setembro kã ke vẽ hamẽ kuvar gy tavĩ var tóg ag contratação vég mã (eu) ne ag nẽ contrata keg hãra? FUNAI ag hãra tu crença ãg ta crê kemũ tag nỹ tĩg tĩ hamã kasa ãn rikã végjã nĩ gé inh lavoura ta kãtĩg ka ka fi ta inh mỹ jag contrata keja ag ta mũ ha vesóg hore sinal ta inh mỹ vẽnhven hore nỹ ham hãra fi mỹ mĩhã ke mỹ nỹ ham hãra nén ũ si nĩ sukrĩg ma tĩgtĩ ham ãn tỹ ãn ma tĩ nĩ ke fi tóg ham kỹ ẽg tỹ ũn mág kãgmĩ ẽg tóg hore kỹ contratação ta kej mỹ ke gé hãra fi mỹ ki hã ke mỹnỹ ver ẽg tóg pa kãn contratação tũ ra ver kỹ chefre do posto ti hã vỹ inh mỹ nén ũ nĩm ke tĩ ham jarĩn mỹ sa dois mês han han hore sem contratação fora do posto ham hỹ ta kãtĩ mũ ser kỹ ag tỹ encontro han han mág tavĩn ẽg tóg ham 1º encontro de formação de professores bilíngüe foi em Curitiba kỹ ẽg tỹ estuda kemũ tỹ 71 kã ẽg tỹ forma vãnh forma ké mãm 72 kã ẽg nĩ contratação vég mũ kỹ ta tĩg mág ham, kỹ inh mỹ hã vỹ ser jou ham".

O professor Antonio Kójónh Candido, hoje com 62 anos, fala que no início da sua escolaridade a ***Escola Marechal Candido Rondon*** já existia. Lembra-se que naquele tempo seus pais não fizeram seus documentos e os professores da escola obrigaram-lhes a fazer.

Naquele tempo os mais velhos usavam um nome indígena relacionado às suas marcas tribais[9] e como não tinham documentos, seus pais criaram esse nome **Kójónh** que ficou registrado em sua certidão[10]. O professor rememora:

> *Certos dias chamaram todas as pessoas da comunidade para um animado baile. Sem saber qual a finalidade do baile, fui participar. Então o pessoal que estava organizando esse evento chamou uma mulher, pelo nome indígena* ***Goj Téj***[11] *– uma pessoa muito importante porque tinha uma carreira boa na sua vida educacional. Esse evento era para receber a* ***Drª Ursula Goj Téj Wisemann***[12] *para trabalhar nessa Escola Marechal Candido Rondon. Uma alemã que se preocupava com o ensino bilíngüe há muito tempo. Logo após sua apresentação, vieram outras pessoas da Alemanha e fizeram seu acampamento aqui nesse setor, naquele tempo eu tinha 08 a 12 anos, quando iniciei os meus estudos. As aulas também aconteciam nas férias. Um dia um homem esteve conversando com os meus pais, essa pessoa era o pai da Juraci, queria ver se eu podia ir trabalhar na outra aldeia onde que eles chamam de Posto Irapuá. Lá eu continuei o meu estudo, e também todos trabalhávamos em equipe, esse serviço era plantação de trigo, depois que acabamos o serviço nos mandaram para casa. Passou tempo, depois eles nos chamaram para ver o serviço que fizemos nessa aldeia e foi então que fizeram o pagamento do nosso trabalho. Aí que comecei comprar roupas com dinheiro que recebi, com o dinheiro do meu serviço. Depois voltei para o meu lugar aqui na Missão e naquele tempo era um lugar novo, tinha casas novas construídas e a Escola Marechal Candido Rondon já existia.*

Antonio Kójónh Candido não tinha terminado seus estudos naquele lugar que estava trabalhando, mas Ursula já coordenava a Escola Marechal Candido Rondon e o convidou para voltar a estudar. Também já tinha outros alunos, de outros estados como Paraná e Santa

---

[9] Essas marcas são muito importante para o povo kaingang o kamẽ é marca comprida (/) o kajru é marca redonda (O).

[10] Certidão de nascimento o documento principal que precisam para ingressar na escola, até agora esse documento é exigido.

[11] Goj téj nome indigena da Drª Ursula refere-se ao lugar de onde ela veio, no qual havia apenas mar.

[12] Ursula Wiesemann, lingüista missionária, do Summer Institute of Linguistics.

Catarina, juntamente com aqueles que viviam no Rio Grande do Sul, todos falantes em língua kaingang. Duas pessoas de Santa Catarina eram Xavante que estavam estudando na aldeia da Missão, um casal[13]. Todo tempo de seus estudos não foi fácil para serem alguma coisa na comunidade, suas merendas não eram boas e mesmo assim tinham que se esforçar. A Drª Ursula fez de tudo para formar essa turma, fez uma viagem para Curitiba, capital do estado de Paraná, em busca de recursos. Os alunos não sabiam de nada, estavam apenas estudando – diz o senhor Antonio Kójónh Candido.

Em sua fala é possível perceber que foi um grande sofrimento para conseguir um trabalho renumerado e também para formar esses alunos. Nem mesmo sua merenda escolar não era boa. Depois que se formaram, os alunos foram distribuídos, um para cada aldeia, sem emprego, mas com esperança de que um dia seriam contratados. Enquanto isso, a Drª Ursula pleiteava um contrato para essas pessoas que se formaram. Certo dia numa visita do seu Antonio na casa de Drª Ursula, nas suas conversas, ela comentou sobre uma produção de bíblia que já estava fazendo junto com senhor Felício Leopoldino, o sogro do Antonio Kójónh Candido, cujo apelido é *Pépo*. Nesse momento já estava começando ter alguma coisa na "pista"[14], ele ajudava nas correções das palavras em kaingang com a Drª Ursula. As aulas de kaingang foram todas dadas por ela e não apenas as aulas em língua portuguesa. A Drª Ursula Goj Téj Wisemann também acreditava nas crenças dos kaingang.

Um dia ela falou assim *nén ũ sy nĩ sukrĩg matĩnĩ, ũn mág kãgmĩ ẽg tóg hore*[15]. No ano de 1971 aconteceu a primeira formatura, em 1972 foi primeira contratação que aconteceu em Curitiba pela FUNAI, devido também ao esforço da diretora Ursula. Os professores mesmo não conhecendo outras aldeias precisavam ir atrás do seu emprego, sendo que todos eles foram distribuídos pela FUNAI. Assim, quando veio a notícia de que a contração deu certo, novamente os monitores formados foram para outras aldeias, sendo que o senhor Antonio foi para aldeia de Careteiro. Ele diz que não encontrou dificuldade no seu trabalho, enquanto os outros tiveram. Nas aulas de kaingang a dificuldade dos professores dessa aldeia era principalmente a de que os alunos não queriam nada com essa disciplina.

[13] Esses Xavantes são irmãos.
[14] Algum emprego já esta pra vir para esses alunos que já são formados.
[15] Isso quer dizer que está tudo certo a contratação pela FUNAI.

2.1.2. Profª Juraci Vẽnhgrá Emilio

"Inh jyjy ta Juraci Vẽnhgrá Emilio 12 de novembro de 1956 kã sa tyj, hãra sa kejẽn ser mog mũ sa 06 ano han mỹr inh panh vỹ inh su jykrén hãra tỹ iskóra tũ ja tĩ kỹ ẽg tỹ setor tỹ karugmág tag ki nỹtĩg tĩ hẽ vỹ ta uri Missão nĩ hãra ãn kã ẽg tỹ tu karugmág ge tĩ hãra sa kejẽn sa 06 ano ke mỹr inh panh tỹ Irapua ra inh sugka var kãvãru kri ki ta 7 km nĩ tag kã jẽ ka,hãra hãra sa kinhrasĩ tig tĩ mỹr inh pi fóg ve jafã nĩ,hãra ta inh panh mré vãmén ti jyjy ta Cici ke tĩ SPI ag chefe vã, hãra nĩ ser inh panh nĩ ser kãtĩg ka inh mỹnh fi ka nĩ keka ag pi ki fi fag kej há nỹtĩ fi tỹ tátá nĩgka kar tỹ kuvar nĩgka aula kej ki tĩ mỹr ẽn kã ta nẽn kãmĩ mũ tĩ vé ag ta vãjy ka kykym tĩ ãn hã tỹ ẽmĩn han ka mũ tĩ pi uri ẽmĩn tag ge tĩ ka ta ser inh ve ka inh panh mỹ ka ẽg jé ãn tá iskora ũ han tĩ chefe ti kanhgág jynĩ ti kỹ ta ãn ki ũ ag mré vãmén hãra tag vỹ ta I.E.C.L.B nỹ tĩg nĩ, ag nỹtĩg ja vỹ ta Alemanha tá ke ag ja vỹ hãra ag vỹ Portela ki nỹtĩg nĩ ag tỹ kanhgág juna kej sór ka, kỹ ag ta ag mré vãmén mũ ẽn ki ser pastor ag vỹ ag mré hej kemũ ka ag escola han ge ki vej kãmũ ja nĩgtĩ inh sĩ ka kỹ ag tỹ nén ũ gékãmũ tĩ pastor ag, ag tỹ gĩr e ven jé ag ta gĩr jé mogmog há han tĩ ja ag tĩ nĩ gé kỹ ag tỹ ẽg mỹ ỹỹ.. kysã kar kri ẽg mỹ leite tỹ papelão ki nỹtĩ ẽn gé kãmũ tĩ, ka ẽg tỹ ki kag tĩg fóg ag jãn ki kag tĩg ja nỹtĩ mỹr ẽg pi fóg ag veja nỹtĩ, kỹ inh mỹnh fag tỹ ser leite ẽn pãgunhgój kỹ grãg tĩ ki kag tĩg vã hamã ẽg tỹ fóg ag jãn ki kag tĩg vã hamã kejẽn ag ser natal tá krỹg ka ẽg mỹ bolacha gé kã mũj mũ, lápis kur mré hã ag ta ser ẽg mỹnh fag ta ag tu grãn kejé ke vã ke vã hamã kejẽn ãg mỹj fag ta ag mré ag vĩ tó kinhrãg mũ ser mỹr ẽg pi ẽg mỹj fag pi fóg vĩ tó kinhra ja nỹtĩ gé ham mỹr ãg kã mỹj fi panh tỹ ta kanhgág pẽ tavĩn nĩ jo inh mỹnh fi mỹj fi tỹ ta fóg sa ag krẽ ja nĩ kanhgág ra vẽ sa fóg mũ krẽ ka fi ta ẽg vĩ tó kórég ka inh vovo neja inh vóvó fi ta ẽg vĩ kinhrãn jé kẽg tánh kam ka fi mrãn mrãn tĩ kỹ ser ẽg vóvó fi pi ẽg rĩnve fóg vĩ tó vẽj nĩgé ka ẽg pi fóg kinhra nỹtĩg nĩ fi ta ẽg vĩ tavĩn to kinhra ka inh vóvó fi ka ẽg tỹ ẽn ge mũg tĩ hãra ag ne ẽg mỹ uri ẽg ta ã jag mỹ kỹ ẽg ta jag escola han mũ ẽg vãnhmãn ka ka ẽg tỹ gĩr ta e ja nỹtĩ pi e tavĩ ja nỹtĩ kỹ ag jag krẽ ta e já nỹtĩ kỹ ẽg jag mỹ escola han mũ mỹ jag mỹ há nỹj mũ ke tĩ ka kanhgág fag ta hej ke tĩ ag ki gé kỹ ag vé kãmũ tĩ ser ĩn han vã ser ta mrãnh ke ag vỹ ser ka ag vỹ ẽg japrãr tĩ inh sa 05,06 ano han mỹr ra ag escola vỹ kar hãra ẽg ver fóg vĩ kinhra hãra fóg ag

vỹ ag vĩ ki vãnhkajrãn tĩ ser ẽg ta kikag tĩg ra ẽg tỹ mũ tĩ ka ag ta ẽg disco vĩn mũ brincadeira vẽmhkanhir ẽg kãgrin grén mũ kejẽn ẽg vỹ ag costuma ké ser ag mré ag tu grẽn ke kinhrãg ke pẽn ẽg tóg ser pi ag kamãg tĩ ser ag ta ẽg mỹ merenda han han mũ vĩ sér mũ ẽg kanhrãn sór ka ag tỹ ẽg nĩjé vyn kỹ ag tỹ ha tagki rán kej mũ gé ãn kã ne pi ẽg mỹ tũ ke tĩ caderno pi tũg tỹ vẽnhrá kukũj kã pi tũg mũ gé ta vẽnhrán fã pi tũg mũ gé kur pi ẽg mỹ tug mũ gé ag tỹ ẽg kanhrãn ja hãvỹ hm ag ta ẽg ta ag tu jatu kejé kejẽn ẽg mỹj fag mỹ há tỹvĩ ser kỹ fag vỹ fag krẽ ta ki vãm mũ ser kẽ ẽg pi e ja nỹtĩ gé inh mỹ ẽg escola vẽ ser ag ta ẽg mỹ kãn mũ kã sỹ inh ta kã ta 1962 nỹ sỹ escola kirãja ti ka ẽg tỹ fóg vĩ hã ki aula mĩ mũg tĩ ẽg tỹ kikag tĩg ra ham ka sa gera inh sĩ ra vẽnhy ka é tỹvĩ jẽg tĩ gé kỹ inh panh tỹ inh mỹ fóg fag ta não é, fóg fag ta não é comigo ke tĩ ã vãnhy ka mãn tu ke vẽ ke tĩ jãvo inh pi kinhra ra jẽ kỹ sỹ kar ser vẽnhy tũg tĩ sa fóg vĩ ki kag tĩg kỹ inh pi ne ki ẽmẽg tĩ hãra inh panh tỹ inh mỹ ge tug nĩ ke tĩ sa aula ra tĩ tũg kỹ inh sĩg kỹ fóg ra tĩ tũg kỹ tỹ inh pére kãtĩg kỹ kãg kã nĩm kar tĩ tĩ hãra ti pi ẽg vĩ tój mũ ham hãra sa kénh há jã ser hãra ag tỹ ãn kã escola mág han gé ser pastor ti jyjy hãvỹ NORBERTO SCHWANTES vẽ ẽn ki ag tỹ ag ne ũ fi Goj Téj ke tĩ Alemão fi vẽ gé téj fi ta nĩ gãnh téj ke ta fi kã tĩ mỹr ẽg vĩ tó há nĩ gé kỹ ag ser colégio mág han kỹ ag ser ỹ... Estado RS, Santa Catarina kar Paraná ag jé estuda kej kãmũ ja nĩgtĩ gé ka ag ta kãmũ mũ ser hãra fóg ẽn fi Dona Ursula Wissimann ke tĩ fi jyjy ti ẽn fi hã vỹrofessor ag forma ke mũ ser ka fi ta ser ag kanhrãn rãn mũ ãn ag kanhrãn kar ẽg nĩ ser jo ẽg ta mỹ vĩ há já nỹtĩg tĩ gé gera fóg ta ti vĩ tó mỹr ẽg ta imaginar kej ki nỹtĩ kanhrãn rãn tĩ mỹ vĩ há já ẽg ta nỹtĩ kanhrãn rãn ja ẽg ta nĩ hamẽ hãra uri ẽg vĩ régre tỹ ẽg mỹ ẽg kókén tĩ gé hamẽ ũ ta fóg tó kar ser ẽg vĩ tó...professor ũ ta ke nỹtĩ gé ham ti krã mỹ ti ta área ki rãnhrãj jã kanhgág mỹ rãnhrãj jẽra kanhgág kanhrãn jẽra ta ti krã mỹ fóg vĩ tó tĩ hẽ tu grĩn vẽnhkrẽ vỹ kanhrãn tavĩn tũ nĩ mỹr ti tỹ vãnh krĩ régre kãjã nĩn kỹ ẽg vĩ tó fóg vĩ tó ẽg vĩ tó fóg tó kỹ tag tỹ há tũ nỹ hamã ã jag ta tỹ bilíngüe nỹtĩj sór kỹ, bilíngüe hãnỹ ta uri faculdade han mũ nĩ hamã uri ã jag aluno tỹ kajró tavĩ nỹtĩj há nĩ hamã mas acho que não ta havendo nada kỹ ã jag rãnhrãj ki rĩr nĩvé fóg vĩ ta jãgja tũg nĩ ag escola ki ta ke nĩ hamã Benjamin kỹ ã ta han tĩ tag ki han sór nĩ hãra ẽg tỹ kã kajrãn ja nĩgtĩ fóg tavĩn tá mũra hãra kejẽn ag ta ser inh mỹ 75 vãg

tĩ ãn kã primeira turma ag hanỹ vãnh forma ké ke sa mũ hãvỹ tỹ Antonio Candido nĩ ham inh mỹj fi irmão vỹm kar ũ hã vỹ ta inh primo irmão nĩgé Luiz Emilio ãn tỹ ta primeira turma nĩgé e ag ta nỹtĩg nĩ ũ tỹ ta ser Paraná, *Santa Catarina kar Rio Grande do sul kar vãnh kar han ta posto kar mĩ jag nã kóm mũmũ ke mũ ka ag vãnhkajrãn vỹ jag rike mũ ser ãn hã ẽg ta vẽnhvĩ régre han mũ hãraprofessor ta bilíngüe tag ti hãra kã fóg professor kanhgág ag tỹ pir tĩ ka kanhgág ẽn ti ta ti vĩ ta vĩn ki aula gẽj mũ ham, ti vĩ tavĩn ki jo fóg ta ser ti vĩ tavĩn ki nĩm mũ gé ãn hã kã ta cabeça divisão tũ já tĩ tĩ ham ka fóg ti aula nĩm kar tĩg mũ jãvo ser kanhgág ta ti aula kanhgág tavĩn ki nĩm mũ gé ham ẽn vãg tĩ ham hãn kã ẽg vỹ kanhrãn há han hãra ẽn ta ser continua ké ẽg estudo ti kỹ professor si ẽn ag tỹ tũ nĩ há ham ũ ag tỹ ser kagá gẽg gé hore ham an ki ũ ag ta vẽnh formar ké 2ª turma Goj Téj fi mré ke hãvã gé ver mesma aldeia tag ki Missão ki an tag an ki estuda ke mũ ũ ta Paraná tá mũ gé ham ãn kã ẽg dialeto pi divisão ja tĩ gé kỹ ta há nỹtĩ ã jag tỹ ta professor tag tỹ tu jykrén ge nỹtĩ ã jag pi ẽg tỹ Rio Grande do Sul tavĩn jé estuda ke tĩ, kej ke nỹtĩ faculdade ki ham ũ Estado tẽgtũ mré jag ta união han kỹ estuda kej ki nỹtĩ mỹr hỹr ke mũn Paraná tá ke ũ ta Rio Grande do Sul ki rãnhrãj kã tĩg mũ ka ta jag ta dialeto ũn pir ki kanhrãn ãn hãki jagnã mré kenka nỹtĩj mũ mỹr ta ke nỹ ham tag ki ỹỹ...Guarita ki ke ham ti kar ta hãre mũn ẽg tẽnh kej mũ tẽnh kỹ tẽnh vẽmẽ jo ta mũn dialeto ũ ta tỹ tãnh nĩ gé hamẽ kỹ ã jag ta jagnã mré tẽnh tãnh an tój mũ hamã hara ã ta Paraná ra tĩ mỹr ã pi ã ta tẽnh kej fã tĩ tá ã ag mré ag dialeto ki ag tãnh kej mũ gé jo Paraná ta ke ti pi tá tãnh kej tag ki tãnh kej tag ki tỹ ẽg mré ta tẽnh kej mũ gé ẽn hãvỹ ẽg ta jagnã mré kajrãn há han ka nỹtĩ kỹ pi dialeto divisão han kỹ nỹtĩ ham ké ẽg nén ũ jyjy ta ta ũ nĩ ke nĩ nĩ kenĩ hamẽ ỹ...ka ta ẽn kã ta nỹ jo ã jag ta Rio Grande do Sul tavĩn tỹ ãg gé ãg tũ tavĩn han tĩ ke mỹr um dia kã ag ta jag precisa kej professor bilíngüe tagti ser ka ta gé tagtá rãnhrãj tĩg Santa Catarina tá ta ke mỹr ã pi ag dialeto kinhra nĩj mũ ham keja ãn hã vỹ ser hãra uri ag ta jagnã kóm rãnhrãj nỹtĩ ham Paraná, Santa Catarina kar Rio Grande do Sul ag jag rãnhrãj ri ke nỹtĩ hamẽ hãka tỹ ta bilíngüe nỹtĩ cada estado ti hamẽ ãn hã i ẽg jagnã mré vẽnhvĩ régre tó mũ ser hãra ẽg ta ser uri estudo continuação hã nỹ ser hamã hãra ẽg ta ãn kã kajrãn ja nĩgtĩ ẽg ta fóg vĩ ki kag tĩg ra hãra ta continua ke nỹ hãkỹ ã jag*

ũ hã han mỹ ke gé ẽg ta tỹ primeiro nỹtĩ hãra ta sa 2º ano, 2º turma de magistério ja nĩ magistério ja vẽ ẽg tũ ti hamẽ na han ka nĩ hamẽ inh formatura ta 80 kã sai ké hamẽ jou sa ser rãnhrãj FUNAI ki 86 kã kỹ uri 58 ano nĩ ha ser jou ham hãra sa inh 1ª turma ki inh 2ª turma ki ẽg estudo tỹ escola ta registrdo tũ ja nĩ gé ka isũ ta vale ke tũ ja nĩ gé inh sa tu jykrén mỹ mỹr hanỹ bilíngüe ẽg tỹ ta professor kanhgág tag ta Rio Grande do Sul ki nỹtĩ kar ẽn hẽnỹ escola refistrar ke nỹtĩ jo fóg ag pi ẽg mỹ ta ke ja fã nĩgtĩ ham kỹ uri qualquer escola ta registrado ta jẽ hamẽ kỹ jag ki hã han hãnỹ tũ nĩj mỹ ha uri hãvỹ sa kejẽn ẽg tỹ reunião han ũ ki ã jag inh sa kajrãn ja ta kã tĩg ja hãvỹ mỹr fóg tavĩn ta ẽg mỹ nĩm ka ẽg kajrãn tĩ jo kanhgág tỹvĩn ta ẽg mỹ nĩm ka ẽg ta kajrãn tĩ gé ẽg pi ũn régre ta ag mỹ tój ke nĩ ã ta matéria nĩm jã ven português nĩm jã ven ka hãra ẽg tỹ ta bilíngüe nỹtĩ ham uri ãjag ta fóg lugar ki rãnhrãj nỹtĩ há ke gé fóg ag ta ne primeira kugmĩ tĩ vỹsa hãra jag ta uri ne 1º atééé... 5º ano kera ãn nĩm tĩ gé ham kỹ ã jag tỹ bilíngüe vẽ ser fóg pi ẽn mỹ nĩm mũ ham ã vỹ sa jag tỹ aula nĩm kỹ escolhe ke mĩ semana ki kurã ti hamũn jag tỹ inh jé quarta kã aula nĩm tĩ kej mũ ham hã mũn 3º, 4º, 5º ano kỹ tỹ kurã pir escolhe kej mũ ãn ki ã tỹ aula de kanhgág tỹvĩn nĩm mũ ã pi kãgki fóg vĩ tój mũ kejẽn, tavajka ã tỹ quinta kã fóg vĩ ki tavĩn nĩm mũ gé ã pi kãgki kanhgág vĩ tój mũ gé jã ã ta jagnã mré tótó hã mũn ã tỹ tag ta ge nĩ tag hẽre ke kar fóg vĩ tó ti jykre kó ken ã ta mũ ti pi krĩ gẽ ser kej inh vãnhvĩ ta ne tój mũ vỹ haka uri gĩr ta mã'ãg ãg mũ nĩ ke mũ ti kig kag tĩg vã ti ta vẽnhvĩ ta ne tója tũg vã kỹ jag ta tag vejki nỹtĩ ham mĩ sa kã tĩg han ka nĩ inh rãnhrãj tỹ inh mỹ sér ja tĩ ka sa sa ã jag vég nĩnkỹ inh mỹ há tĩg nĩ hãra ã jag jé inh rikén ki hã han tĩ ken jé kỹ jag tỹ nén han ge hãnỹ nỹ jag pi ẽg vĩ tỹ fóg vĩ tỹ jãg jaj mũ kurẽ pir ãn kã keja? Hãka ta ser no fim kã jag vĩ jãmã tũ ke mũ vém mỹr ti ta haren kajrãn ge tũn ka ta "a"vé ta tĩj mũ hamã aluno ti, jo ta interessa kej mũ ã jag ti mỹ tag kãjãn gen ka ẽg hãnỹ tag mẽja ã ta mũ kej ãg pi aluno vĩ jẽmẽj mũ ham ẽg hẽnỹ ta ti panh rike nỹtĩ ẽg hẽnỹ ti mỹj rike nĩ gé kỹ jag ẽn gej ki nỹtĩ pi tu ẽg mỹ a nỹ ẽg pi aluno mỹ inh kãfãr nĩ kej ãg hãnỹ aluno educar kej mỹr ã ta educação kãjã nỹ hamã aluno pi ẽg educa ke jẽ ẽg hỹnỹ ag educa kej há nĩ hamã ka jag pi ag mỹ pãnh kej ki nĩ ẽn ki ẽg ta kajrãn ka nỹtĩ fóg fa ta vỹsa ẽg ta mrãn ke tĩ ka kam ka fóg fi ta gẽj mũ professor ti inh nhin ki ta mrãn

ke ta ti ham inh jakrĩ krãm ta ser gãr kanã vin ti gé inh jẽg mỹr pi jẽg há ve tĩgtĩ hamẽ hãra ẽg ta aluno an ge tũnĩ kỹ hãra ãjag vĩ hãki mỹ ge kem mĩ uri ag tu pã'i ta ta ũ tĩ hamã hãkỹ aluno tag kajrãn há han tũ nĩ ve nĩ hãkỹ ẽg ta pir nỹtĩ ham keja? ka hãra tag ki vẽnhki ãmãm nĩ jag vãnhrãn há han jé jag tỹ ãjag vĩ régre jãg jaj ke tũ nĩ ẽn gen kasa nĩ hỹo ẽn ge mĩsa kãtĩg ka nĩ sa sa nén han ja tóvẽ ẽg tỹ kanhgág tavĩn kỹ pi fóg tavĩn tó há tĩg tĩ gé ham hãra ag ta mré kajrãn tĩ jo ũ ta ẽg vĩ tó kórég nỹtĩ gé ham jag colega (o) ag ham ag hẽre vỹ ham ãn hãvỹ uri aluno ũ ta setor ũ tá ẽg vĩ tóvãnh ag ta ag vĩn gé fóg vĩ hã tójfã vãm kỹ ẽg tỹ ta professor tag pi fóg tój mũj ke nỹtĩ ham ẽg ĩn tá ẽg tỹ ẽg vĩ tój mũ gé ẽg krã mỹ ẽg ta fóg vĩ tój ke tũnĩ ke tũ mỹr, ã jag vãsãn vẽ jo jag krã ta fóg vĩ tó mũn ka ã jag ta vẽsóki ã jag língua perde ke vẽ jag tỹ ta professor tag ti ham hãra jag mỹ hera vãnhkajrãn jãj mũ hỹn ã jag krã kajrãn há han tũra ã jag krã mỹ jag rãnhrãj já mĩ kãtĩg, pi kej mũ ham no fim kã ti ta ã jag lugar kirã mỹr fóg vĩ tój jo ẽg vĩ tó há ag hẽrej hãmũn ti pi ti mog ti setor tavĩn kãjã kỹ fóg vĩ tó jãj ja ãn kãjã ka rãnhrãj jãj mũ hãre mũn ta ẽg vĩ tavĩn tó tá rãnhrãj tĩg mũ tá ti hẽrej mũ ham ké ãn ta há tũnỹ ham,kỹ inh vãnhju jykrén inh sa inh vãnhkajrãn ja ta ge nỹ ham.

A senhora Juraci Vẽnhgrá Emilio, nascida em 12 de novembro de 1956, atualmente está com 58 anos e não iniciou seus estudos na aldeia da Missão, mas sim na aldeia de Irapuá[16]. Por causa da distância e também por que ela era moça, não a deixaram estudar. O chefe que se chamava CICI resolveu conversar junto com a equipe da I.E.C.L.B[17], que eram pastores da Alemanha, mas moravam na cidade de Tenente Portela. Em suas conversas resolveram construir outra escola aqui na aldeia, ***karug mág***[18] era como a comunidade os chamavam. Esses pastores fizeram de tudo para ganhar a confiança da comunidade, traziam vários alimentos a cada mês para as crianças e para as famílias, a fim de que pudessem, aos poucos, se aproximarem. Os kaingang não sabiam comer os alimentos dos não índios, mas tiveram que aprender. Todas as famílias eram falantes na língua kaingang.

A professora Juraci conta que seu avô era casado com uma mulher mística, tinha que ensinar ela a falar nossa língua e ela foi obrigada a aprender o nosso costume. Destaca que:

[16] Aldeia irapuá fica à 13 km da Missão Indígena
[17] Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, que tinha instalado uma Missão na área de Guarita (RS).
[18] Significa árvores grandes e a traduçãoda plavras *karug mág* é ANGICO.

> *Naquela época tinha 06 anos de idade, não sabia de nada, nem falar o português, mesmo assim tinha que estudar e aprender alguma coisa em português, por que nos só falamos em nossa língua kaingang*.

Suas brincadeiras eram ouvindo brincadeira gravada em discos· – isso também era para conquistar as crianças[19]. Nunca faltava nada para as crianças: nem roupas, materiais escolares, merendas, entre outros. Por esse incentivo, todas as famílias começaram a trazer seus filhos para a escola e cresceu muito o número de alunos. Esses alunos formaram a segunda turma, que abriu depois que a 1ª turma se formou. Suas aulas foram todas em português, mesmo não sabendo, tinham que aprender. Foi então que chamaram todos os índios kaingang nos estados de Rio Grande do sul, Santa Catarina e Paraná, que estudaram na escola da aldeia Missão junto com a Drª Ursula Goj téj Wisemann, que ensinou e formou mais uma turma de professores. Naquele tempo as aulas eram dadas na língua portuguesa falada. As crianças eram interessadas e aprendiam ouvindo, imaginando e escrevendo através das falas dos professores.

Refletindo sobre o ensino bilíngue, a professora fala dessa forma: *"não se deve usar as duas línguas no mesmo momento, isso confunde a cabeça das crianças"*. E acrescenta com base no tempo em que estudou e depois trabalhou como professora bilíngue:

> *não tinha bom número de professores de kaingang, por isso se tornou mais fácil para nós aprender a traduzir do português para o kaingang, por que o branco dava sua aula só em português e o professor kaingang dava sua aula na sua língua. Por isso as crianças aprenderam logo. Nossos dialetos não são todos iguais nesses três estados, é só um pouquinho de diferenças, mesmo assim temos que aprender o dialeto dos outros estados[20] por que não sabemos se vai ficar só aqui no Rio Grande do Sul, se não souber fazer relação dos dialetos vai ficar sem palavra no outro estado.*

[19] Fazer com que as crianças se aproximarem e perder o seu jeito de calmos e tímidos amansando todas as crianças.

[20] Nesse caso temos que aprender e entender o que a pessoa esta falando se é uma pessoa do Rio Grande do sul disser Tẽnh e o do Paraná disser Tãnh as dua temos que estar sabendo, vai que uma pessoa do R.G.S. vai para Paraná la só vai falar em tãnh e do Paraná vai falar tẽnh quando ele vem para R.G.S.

Ouvindo os professores sobre suas trajetórias de escolaridade, fiquei muito impressionado com a forma que aprenderam no uso do bilinguismo, que foi um modo bem diferente do que aprendi. Eu sempre defendo a minha cultura, principalmente a língua materna, isso eu aprendi junto com esses primeiros professores que vieram me ensinando. Primeiramente fui alfabetizado em nossa língua materna nas três séries iniciais. Logo após, tive a alfabetização em português com os professores não indígenas que também eram contratados pela FUNAI. Com isso, todos os alunos conseguiram usar a segunda língua e não deixar a língua "mãe".

2.2. Concepções de ensino bilíngue atuais

Atualmente entende-se que a língua materna é importante, pois faz parte da identidade do povo kaingang. O que eu acho muito importante também é as praticas da oralidade e da escrita, que devem ser trabalhadas de forma que o aluno tenha conhecimento do que se passa para ele. Isso é entrar na realidade do aluno, é convivência permanente, pois o aluno necessita desse aprendizado. Da mesma forma não devemos esquecer a escrita, pois é ela que fixa no aluno aquilo que ele aprendeu durante a aula. Concordo com D'Angelis (2005, p 11), que diz:

> Queremos defender que o desenvolvimento de uma tradição escrita nas línguas indígenas é nossa arma poderosa de vitalização e fortalecimento dessas línguas. E o melhor espaço para realizá-lo, ainda é a própria escola indígena, até aqui responsável por pressões e experiências prejudiciais às línguas autóctones. Não propomos esse recurso como "solução padrão", porque a variedade de contextos e situações sociolingüísticas das comunidades indígenas no Brasil é bastante grande. Mas para sociedades como a dos Kaingang, mesmo tempo é uma sociedade em que a escrita já é parte do cotidiano das pessoas, desenvolverem o uso da escrita na língua indígena é mais que desejável

Pensando nesse lado, o professor não deve se preocupar só com a escrita ou só com a oralidade, mas sim conciliá-las no ponto em que o aluno tenha perfeita interpretação do que está se passando em torno de si, ou para si mesmo. Por isso na minha escola a oralidade na língua portuguesa inicia-se no 4º ano nos anos iniciais. Foi assim também que aprendi no meu tempo de escolaridade. O português eu utilizo quando for nescessário dentro das salas de aula para que os alunos possam ter uma boa compreensão do que está sendo proposto.

Sobre o ensino da segunda língua, D'Angelis (2005, p 12):

> É importante realçar, porém, que não se está falando aqui de mera alfabetização em língua indígena. Isso os programas de bilinguismo de transição fizeram, mas com resultados negativos para a língua indígena. Falamos aqui de efetiva formação de leitores e escritores. Falamos aqui de uso relevante da escrita, em lugares e funções sociais efetivamente importantes. A outra conseqüência decisiva de desenvolver-se uma tradição escrita na língua indígena é a ampliação de espaços, circunstâncias e exigências de sua modernização. Ser veiculada em outros suportes, além daqueles dos discursos orais, já representa um desafio à língua indígena (por meio de seus falantes) para a ampliação de suas temáticas, ou seja, das questões abordadas por meio dela. Possivelmente, também, e desde muito cedo – estimulada e à luz das experiências dos falantes com o uso escrito da língua majoritária – isso repercutirá igualmente na ampliação dos seus gêneros textuais. Ambos os fatores têm, como conseqüência, entre outras coisas, uma inevitável pressão por expansão do repertório lexical, quase que um 'sintoma' visível de processos de modernização da língua.

Atualmente a tecnologia está facilitando muito o conhecimento dos jovens e das crianças. A informação circula de um modo muito mais rápido na língua portuguesa. Mesmo assim, o professor precisa acompanhar estas mudanças também no modo como ensina a língua materna. Porque se não fizer isso, a língua materna pode ser extinta. Por isso é importante que todos os jovens sejam ensinados na língua kaingang e saibam fazer relação do português para sua língua.

> O trabalho deve ser a realidade local não desprezando o acesso ao conhecimento universal, a língua kaingang também é feita de forma estrita, o tempo das aulas também é aumentado para que o professor possa não só trabalhar a língua escrita, mas também possa ensinar costumes, contar historia e fazer visitas aos mais velhos (PPP, 2002, p. 04).

O professor deve saber usar bem a língua da cultura kaingang para fazer a transição para o português. Do mesmo modo, no ensino da segunda língua, entende-se a oralidade e a escrita a partir de pressupostos diferenciados: enquanto a primeira adquire-se naturalmente, a segunda necessita de uma ação pedagógica específica para que seja possível adquirí-la. Para D'Angeles (2005), é preciso ter claro que a escrita da língua indígena possui uma função social, de modo que "não se está propondo que a escrita é a salvação das nossas línguas. Mas não se pode ignorar a realidade histórica presente para muitas comunidades e sociedades indígenas, nas quais a escrita e mesmo, a escola é parte do cotidiano" (D'ANGELES, 2005, p. 09).

Portanto, o desenvolvimento de práticas de ensino bilíngue deve ser coerente e realizado de forma esclarecida, para que os jovens e as crianças não confundam o que vêem no seu dia a dia. É então importante trabalhar em cima do projeto político pedagógico porque o mesmo está relacionado à realidade do aluno, defendendo no uso da segunda língua também

sua autonomia. Cabe citar Guimarães (2008, p 20), para quem o ensino da segunda língua está relacionado com o fato de que "aprendendo um idioma, faz parte do "pacote" todo um universo cultural, que quanto mais cedo se conhece, mais fácil fica interagir com as pessoas que trafegam nesta cultura".

Por fim, o desenvolvimento de práticas de ensino bilíngue na atualidade está relacionado ao desafio de "**como ensinar**", conforme o que está escrito nos livros – o que, conforme Luckmann (2011) não se refere tão somente ao desafio da educação escolar kaingang, mas também de todos os sistemas de ensino. Do mesmo modo, alinha-se com a perspectiva apontada por este autor, de contar a história a partir de um ponto de vista kaingang – um aspecto que procurei desenvolver ao longo deste Trabalho de Conclusão de Curso.

Conclusão

Concluo que através das entrevistas ouvidas, de muita fala importante que se deu para ouvir, que hoje os jovens têm uma grande potencialidade para valorizar a nossa língua materna. A trajetória desses professores não foi fácil e seus ensinamentos foram um começo da realidade do ensino bilíngue. Passaram por alguns momentos tristes na sua vida de escolaridade, mas graças aos seus esforços souberam superá-los. Por isso também muitos valorizam esses professores e essa escola que mantém a sua cultura.

A professora Juraci fala que *"o ensino deve ser feito em forma separada: a aula de português e outras que devem ser faladas em língua portuguesa, separadas da aula de língua kaingang"*. Afirma que os professores indígenas precisam observar isso.

O bilinguismo acontece quando um professor sabe falar as duas línguas e tem uma segurança na sala de aula, quando está junto com seus alunos – é o que aprendi na Licenciatura e também nos estágios que foram realizados. Eu acho que se a criança realmente aprende a escrever primeiro em kaingang vai ter mais orgulho da língua dela e vai ter menos perigo de perder essa língua. A gente sabe que quando a pessoa é alfabetizada numa língua estrangeira, aquela língua estrangeira acaba se tornando mais importante do que a língua materna, portanto devemos valorizar o que é nosso.

Enquanto educadores, queremos manter a tradição e a cultura e levar essas coisas para a sala de aula. Percebo que a maioria dos professores, pelos menos aqueles com quem tenho contato, inclusive de outras aldeias, pensa como eu. Eles querem trazer a tradição, a cultura, a visão de mundo kaingang, para dentro da escola. Hoje estamos trabalhando com a língua kaingang também outras disciplinas, como a matemática. Do mesmo modo, ao ensinarmos com as brincadeiras kaingang, queremos reforçar a cultura. Desse modo, entendemos que nunca é demais ouvir e registrar suas experiências lembradas e relatadas, que pode servir como um exemplo que contribui para instituir novos modos de pensar e falar.

O português não é fator principal para nossa escola, apenas nos orienta, mostra onde queremos chegar, estrutura diálogos, participações em um evento e também nos nossos negócios com as pessoas não indígenas. Não é uma língua para ser falada no dia a dia, junto com a família, na comunidade.

O ensino bilíngue nos ensina a dialogar. Aqui na minha aldeia nos éramos monolíngues. Daquilo que ouvi nas entrevistas, aqueles que pensaram sobre a escolarização bilíngue, queriam que aprendêssemos o português para usar quando necessário. O português é uma segunda língua, nossos alunos precisam aprender primeiramente em kaingang (oral e escrito). O bilinguismo somente faz sentido quando se aprende a falar e valorizar a nossa cultura.

Referências

CANDIDO, Antonio Kójónh- Professor da FUNAI- Entrevistado, dezembro, 2014.

GUIMARÃES, Eduardo. 2008. “Os falantes e as línguas: multilingüismo e ensino”. In *Trocando em miúdos a teoria e a prática* - Linguagem e letramento em foco. Campinas: Cefiel/IEL/Unicamp.

EMILIO, Juraci Vẽnhgrá- professora Bilíngüe da FUNAI- *Entrevistada* dezembro, 2014.

ESCOLA INDÍGENA DE ENSINO FUNDAMENTAL DAVI RỸGJO FERNANDES. 200. PPP. Proposta Politica Pedagógica. Terra Indígena Guarita.

LUCKMANN, Sandro. 2011. *Educação Escolar Indígena na Terra Indígena Guarita* - Um olhar sobre atrajetória missionária indigenista da IECLB e COMIN. Mestrado em Educação nas Ciências/Programa de Pós-Graduação em Educação Nas Ciências. Universidade Regional do Noroeste do Estado Do Rio Grande Do Sul.

D’ANGELES, Wilmar da Rocha. 2005. “Línguas indígenas precisam escritores? Como formá-los?” In *Linguagem e letramento em foco*. Campinas: Cefiel/IEL/Unicamp.
RCNEI